



**INFORMATIVO**

**O TUIUTI**



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*

**250 anos de Porto Alegre – 200 anos da Independência do Brasil - Aclamação de Dom Pedro como Imperador do Brasil, com o nome de Dom Pedro I – 180 anos das Revoluções Liberais de SP e MG – 170 anos da Batalha de Monte Caseros – 110 anos do início da Guerra do Contestado – 100 anos da Semana de Arte Moderna em São Paulo – 90 anos do início da Revolução Constitucionalista de São Paulo e Mato Grosso – 80 anos dos afundamentos de 23 navios brasileiros por submarinos alemães em diversos lugares do mundo – Declaração de Guerra do Brasil à Alemanha e à Itália – 20 anos da conquista do pentacampeonato mundial de futebol na Copa do Mundo do Japão/Coréia do Sul pelo Brasil.**

ANO 2022

Fevereiro

Nº 394

***TEXTO E COMENTÁRIOS DEIXADOS PELO  
REICHSMARCHALL  
HERMANN WILHELM GÖRING,  
COMANDANTE DA LUFTWAFFE, SOBRE A II GM***

Referências: Revista Militia da Força Pública de São Paulo  
Ano 4, nº 23, Julho/Agosto de 1951, páginas 26 e 27.

# Causas que influíram na derrota da Alemanha

## I

Descrição feita pelo marechal Goering (\*)

«A Alemanha perdeu três oportunidades de ganhar a guerra: uma diplomática, outra militar e a terceira técnica.

A primeira destas oportunidades consistiria em fazer a paz com a França e Inglaterra em princípio de 1940, antes da campanha da Noruega, Bélgica e França.

Fiz tudo quanto estava ao meu alcance para conseguir essa paz negociada. Depois da conquista da Polónia, mantive diversas conversações com o autar sueco Knut Bondé, que, por solicitação minha, entrevistou-se com Lord Halifax, em dezembro de 1939, para perguntar-lhe quais as condições que a Grã-Bretanha imporia para a paz com a Alemanha. Lord Halifax disse a Bondé: «Abro-me que tenha recorrido a você. Se há alguém no Reich capaz de convencer a Hitler de que negocie uma paz razoável, esse alguém é Goering».

Em continuação, o Ministério das Relações Exteriores Britânico espôs duas condições principais para a paz: primeiro, o restabelecimento de um Estado polaco independente; segundo, maior liberdade para os tchecoslovacos, enquanto se buscava a solução definitiva do problema tcheco. Transmiti essas condições de paz a Adolfo Hitler que respondeu

com atalhos à primeira, enquanto se opôs à segunda com um «não» categórico.

Essa foi a primeira oportunidade que Hitler deixou passar para terminar a guerra airosoamente. Apesar desse fracasso, realizei uma nova tentativa no mesmo sentido, em junho de 1940, após a derrota da França. Nesta ocasião tratei de estabelecer contacto com o embaixador da Grã-Bretanha, em Lisboa, e com o Ministro Britânico, em Berna; porém, não pude consegui-los.

A oportunidade militar de finalizar a guerra apresentou-se no princípio da guerra contra a União Soviética. Como é público, eu havia desaprovado a ideia dessa guerra desde que se a planejou.

O plano de Hitler, até hoje não revelado totalmente, era o seguinte: a 22 de junho de 1941, três grupos de exército receberam ordem de avançar: o grupo do norte, com um corpo motorizado; o grupo central com dois corpos motorizados e o meridional, com um corpo motorizado. As divisões motorizadas do primeiro grupo receberam ordens de avançar sobre Leningrado, sem se preocupar com sua retaguarda, nem da existência de combustíveis. Deviam passar próximo a Leningrado pelo Sul e logo prosseguir diretamente

(\*) (Transcrito da revista Militar Brasileira).

te seu avanço sobre Moscou. O corpo motorizado do terceiro grupo tinha a mesma missão em relação a Rostov: cercar esta cidade e logo seguir até o norte, rumo a Moscou. Os corpos motorizados do grupo do exército central receberam ordens de avançar diretamente sobre Moscou. Nos arredores da Capital Soviética, um dos grupos se uniria com as divisões motorizadas procedentes de Leningrado no norte e o outro deveria reunir-se com as procedentes de Rostov, no sul. As ligações deveriam realizar-se ao nordeste e a sudoeste de Moscou. De tal modo, as três maiores cidades da União Soviética e quase todo o Exército Vermelho permaneceriam sitiadas e paralizadas. Se houvessemos ocupado as três cidades e cortado a linha de abastecimento de Murmansk antes da chegada do inverno teríamos tido amplas razões para sentir-nos otimistas ante o futuro.

Entretanto tão belo plano fracassou. Fracassou porque o avanço do grupo do exército setentrional foi contido pelas montanhas Valdai e o do grupo do exército meridional retardado pela resistência de Kiev. Naquela momento, o marechal D. Walter von Brauschitsch cometeu um erro crasso que, segundo o meu modo de ver, decidiu o resultado de toda a guerra. Destacou um dos corpos motorizados do grupo do exército central para reforçar os que atacavam as montanhas Valdai, no norte. De tal modo, o grupo do exército central ficou somente com um corpo motorizado, o que não lhe permitiu prosseguir o avanço sobre Moscou. A 16 de outubro de 1941, repentinamente, começou o inverno. Von Brauschitsch foi destituído. Hitler mesmo assumiu pessoalmente a direção das

operações. Porém, era demastadamente tarde. Stalin teve tempo para organizar a defesa de Moscou e Leningrado e os aliados puderam enviar tanques e aviões. Deste modo, 111 dias depois do ataque contra a União Soviética, a Alemanha já havia perdido a guerra.

Ainda tivemos oportunidade para mudar o rumo dos acontecimentos e foi uma oportunidade técnica. Não me refiro à bomba atômica. Nesse campo os aliados estavam muito mais adiantados que nós. Nossos homens de ciência não puderam encontrar o material apropriado para construção do recipiente em que o explosivo atômico pudesse ser transportado. Nesse plano, nunca tivemos uma possibilidade séria de vencer os aliados. Nossa grande oportunidade técnica estribava-se nos aviões de caça com propulsão a jato. Foi um invento alemão de imensa importância, que podia fazer variar todo o curso da guerra. Os aviões de propulsão a jato foram inventados por nós com tempo suficiente, em 1943; porém, no dia em que ia começar a produção em série, Hitler interveio e se empenhou em que o avião podia levar também bombas. Tivemos que começar novamente nossos estudos e fomos obrigados a realizar novamente todas as provas e somente para chegar à conclusão final de que era impossível modificar os aviões nesse sentido. A aventura nos fez perder cinco meses que indubitavelmente resultaram transcendentais e fatais para a Alemanha.

Essas foram as três grandes oportunidades que não aproveitamos e que poderiam dar-nos a vitória.

Oxalá que outros tenham em conta a lição de nossa experiência.

## **Você sabe quem foi Clausewitz?**

(Fonte: Manual de História Militar da UnisulVirtual)

**C**arl Phillip Gottlieb von Clausewitz nasceu em 1780, na Prússia, de uma família de baixa nobreza. Aos doze anos, já se encontrava em serviço militar, lutando nos conflitos que abalaram a Europa em fins do século XVIII: as Guerras Napoleônicas. Tal experiência marcaria sua vida e seus escritos, de maneira que o estimulariam a escrever sua percepção da teoria da guerra.

Clausewitz teve uma carreira profícua, tendo se formando como o primeiro da turma na academia militar prussiana onde, apesar da origem social, atraiu o olhar de figuras proeminentes do Reino da Prússia, sendo destacado para a educação militar de um dos príncipes do reino.

Avanços posteriores o colocaram junto ao General Scharnhorst, que iria dirigir os esforços de reforma do Exército num futuro próximo.

Sua carreira prosseguiu com eventos como a Batalha de Jena-Auerstadt, em 1806, quando Napoleão esmagou o Exército prussiano, tendo Clausewitz se tornado prisioneiro junto com o Príncipe Augusto, que comandava as forças e de quem era ajudante de ordens.

Clausewitz se revoltou contra o estado de coisas, com a aliança de submissão da Prússia a França e abandonou o serviço militar da Prússia, seguindo para a Rússia, onde serviu entre 1812 e 1813.

Com a invasão da Rússia e o fracasso napoleônico, forçando a retirada francesa, Clausewitz retornou à Prússia, inclusive participando de negociações que criaram a nova coalizão contra a França. Assim, em 1813, recebeu a patente de coronel, sendo nomeado ajudante de ordens de Scharnhorst e lutando na campanha que expulsou Napoleão da Prússia.

Com a volta de Napoleão nos “Cem Dias” em 1815, Clausewitz novamente seguiu para combatê-lo, desta vez como Chefe de Estado-Maior do Corpo prussiano que defendia a cidade de Wavre. Os prussianos enfrentaram forças muito superiores comandadas pelo Marechal Grouchy, que ficaram impossibilitadas de reforçar Napoleão em Waterloo, ao mesmo tempo em que protegeu a retaguarda das forças prussianas que avançaram para reforçar as tropas de Wellington em Waterloo.

Após as Guerras Napoleônicas, Clausewitz foi promovido a general e recebeu o cargo de diretor da Academia de Guerra da Prússia, que passava por uma reforma, se tornando a primeira escola de Estado-Maior do mundo. Dedicou-se a seus estudos e reflexões, escrevendo muito material para o livro que não conseguiu publicar, pois em 1830 foi designado chefe de Estado-Maior das tropas prussianas que estavam na fronteira com a Polônia, que sofria uma crise política e uma epidemia de cólera, que logo o vitimou em fins de 1831.

Sua obra, *Da Guerra*, acabou sendo organizada e publicada por sua viúva, Marie, em 1832. A princípio o livro não atraiu atenções, em especial, por causa da “barreira da língua”, ou seja, por estar em alemão. O livro só ganharia popularidade com a afirmação do General Von Moltke, Chefe do Estado-Maior do Exército prussiano na Guerra Franco-Prussiana, que tinha aprendido tudo o que sabia de guerra lendo Clausewitz. Seguiu-se então uma explosão de interesse em torno do livro.

Ao contrário de outros autores que tinham escrito sobre a guerra, Clausewitz não prometia fórmulas da vitória, ou métodos infalíveis para triunfar. O texto, denso e difícil de ser compreendido, era uma teoria da guerra, e não uma filosofia, como ainda hoje se tenta argumentar.

Para que funcionasse, a teoria de Clausewitz partia de algumas de suas conclusões, como a natureza política da guerra, sendo que ele não enxergava sentido em um conflito que não tivesse natureza política. O próprio conceito de guerra, um ato de força, presumia que a violência seria levada a níveis extremos, um conflito absoluto.

Clausewitz ressaltava a predominância da política inclusive como uma forma de controle da guerra, visto que em sua natureza, existe uma série de fatores como a assimetria entre ataque e defesa, a questão da dúvida, dos erros, do medo, do cansaço, dos acidentes, como outros fatores.

Desta maneira, os escritos de Clausewitz têm grande força até os dias atuais, justamente pela atemporalidade de seus conceitos. Visou ele romper com interpretações racionalistas calcadas em ideias simplistas, e que reduziam os conflitos a meras questões formalistas ou ligadas a cálculos matemáticos, debatendo sobre a natureza da guerra, em como ela realmente o é: um ato de força, ligado profundamente a dinâmicas político-sociais.

Nisto reside sua complexidade: não se trata de um livro complexo por si só, mas porque seu próprio objeto de estudo é essencialmente complexo. Afinal, a guerra é produto de um mundo difuso e dinâmico e assim, não pode ela fugir a isto.

## **E Jomini, você sabe quem foi?**

**A** pesar da influência de Jomini na teoria militar, este nome só costuma ser familiar para os especialistas em História Militar, denotando a curiosa relação e grande disparidade entre sua influência e o desconhecimento geral que temos dela. Jomini se enquadra no salto qualitativo do pensamento militar no século XIX, oriundo de duas vertentes, científica e histórica. Foi a partir deste período que se começou a pensar a guerra como uma pretensão de rigor científico, ao invés dos relatos de feitos passados ou proposições de reformas da tradição ocidental anterior.

Para entender o impacto e alcance da obra de Jomini, deve-se levar em conta a sua intenção tradicionalista e restauradora, a sua abordagem popularizante e reducionista, a sua longevidade pessoal e a sua vaidade.

### **Princípios de Guerra**

**O** Barão Antoine-Henri Jomini (1779-1869) foi um grande estrategista militar de sua época, e ainda hoje é bastante estudado principalmente no que se refere a logística e aos seus “Princípios da Guerra”, os quais seriam:

- Objetivo;
- Ofensiva;
- Cooperação;
- Concentração de força;
- Economia de força;
- Manobra, surpresa e dissimulação;
- Segurança, e
- Simplicidade.

Jomini entendia que o mundo militar era expressão da vontade articulada de um grande líder, e que a vitória era possível a qualquer um com esta grandeza, desde que suas ações fossem apoiadas nestes princípios.

De nacionalidade suíça, contemporâneo de Napoleão e Clausewitz, pode ser considerado produto da Revolução Francesa de 1789. Durante a Revolução de 1789 na Suíça, abandonou uma carreira de banqueiro e começou a tratar das lides militares. Apresentou uma abordagem geral para o problema da Guerra, abstraindo-a de seu contexto social e político, enfatizando as regras para a tomada de decisões e equiparando-a a um enorme jogo de xadrez.

A grande contribuição de Jomini foi seu esforço em responder à pergunta de como os exércitos revolucionários franceses de 1789 em diante destruíram a coalizão antifrancesa, começaram a transformar a estrutura política da Europa e alçaram um de seus líderes para o poder supremo na própria França – Napoleão Bonaparte.

A teoria jominiana era centrada em um conjunto de axiomas quase inalterados, sendo que essas ideias foram expostas pela primeira vez em 1803 e afirmavam que:

- *A Estratégia é o elemento-chave da guerra;*

- *Toda estratégia é controlada por princípios científicos imutáveis (universais); e*

- *Todos estes princípios prescrevem a AÇÃO OFENSIVA, de FORÇAS EMASSADAS, contra forças mais fracas, em algum PONTO DECISIVO, para que a estratégia conduza à vitória.*

Apesar de aparentemente simples, o estudo de como estes conceitos foram formulados e postulados nos permite certa compreensão dos preceitos estratégicos envolvidos.

De uma tradicional família suíça, Jomini voltou da França revolucionária ao seu país com a notícia da Revolução Suíça, tendo sido secretário de um Ministro da Guerra, chegando a Capitão e *chef de batallion*. Em 1802 retornou a Paris, e dizia que foram as empreitadas napoleônicas na Itália (1796-97) que fizeram dele um teórico militar.

Jomini aponta seu débito intelectual com o General inglês Henry Lloyd, provavelmente adquiridas da leitura de *Military Memories* (1781), onde Lloyd apresenta um estudo sistemático da guerra e seus princípios fundamentais, alertando que a arte da Guerra se fundamenta em “princípios certos e fixos que, por sua própria natureza, não variam...”, conceitos estes apropriados por Jomini.

Em Lloyd, Jomini encontra uma expressão específica de seu “ideal” de guerra como ciência, retirada do apelo daquele ao Iluminismo. Do estudo de uma de suas obras, Jomini retiraria sua visão dos princípios imutáveis da guerra e sua aplicação e a conclusão de que Napoleão seria melhor estrategista do que Frederico da Prússia.

Seu primeiro livro, *Treatise on Major Military Operations of the Seven Year's War*, apresentou estes e outros aspectos nos dois primeiros volumes, de 1805.

Em 1813 deixou o exército francês e ingressou no russo, tendo ampliado seu livro para seis volumes, publicando os próximos dois em 1816. Como Oficial de estado-maior de Napoleão alcançou o Posto de General de Brigada.

Com diversas publicações até sua morte em 1869, seu livro mais famoso foi *Analysis of the Art of War*, publicado posteriormente em edição expandida como *Summary of the Art of War*. Nele, mostrou ter lido *On War*, de Clausewitz, tendo ficado impressionado e revendo alguns de seus próprios conceitos.

A ênfase de Jomini é de que seu livro não trata de guerra, mas da “arte da guerra”, por esta contemplar princípios imutáveis válidos tanto para César quanto para Napoleão. Um destes era o princípio da manobra de massa de um exército para ameaçar “pontos decisivos” num teatro de guerra, seguido do arremesso de todas as forças disponíveis contra uma fração da força inimiga que defende tais pontos. Este ponto decisivo, segundo Jomini, é aquele que capturado ou atacado colocaria em perigo ou enfraqueceria seriamente o inimigo.

Usando casos históricos e seus princípios, Jomini insistia que por baixo das caóticas mudanças da guerra moderna existia uma UNIVERSALIDADE ESTRATÉGICA.

Jomini não foi um estrategista de poltrona, mas um veterano de muitas campanhas, extraordinariamente posicionado para observar uma década de guerras intensas na superfície de toda a Europa. Entretanto, carregava grandes frustrações devido a não ter assumido um Grande Comando, em virtude talvez de seu temperamento difícil o qual angariou alguns desafetos que lhe barraram o comissionamento diversas vezes.

Em grande parte, Jomini via a guerra em termos pessoais e heroicos, controlada pelo comandante e mestre, o que não deixa de ser um reflexo da estética de comando napoleônica, podendo-se dizer que buscou uma ciência de comando para a atuação do general.

Seus livros, neste contexto, seguem a antiga tradição da historiografia militar, a da saga dos reis-guerreiros, os quais, dotados de qualidades sobre-humanas, conduziram seus povos à vitória, embora o melhor dos seus escritos analíticos se situe acima desta espécie de historiografia militar.

Na sua época, as mudanças na arte da guerra levaram a preocupações da dissociação entre civis e militares, devido à profissionalização dos primeiros e uma possível alienação do Estado e da sociedade e dos receios destes aos controles externos que os civis queriam impor.

Em Jomini os militares encontraram bons argumentos contra a estrita subordinação à autoridade política. Sua conclusão era de que um governo deveria selecionar seus comandantes militares mais hábeis e depois dar-lhes liberdade de ação segundo os princípios científicos da arte da guerra. Os governos não deviam negligenciar suas forças armadas, mas não deveriam se intrometer em matérias e assuntos especificamente militares.

Em seu conceito de estratégia, Jomini a aplicava a todos os níveis da ação militar que estivessem abaixo da decisão política de fazer a guerra, até, exclusive, o combate em si. Em cada um dos níveis, o comandante tem que decidir onde, quando e como movimentar suas forças para cumprir a missão e combater sob as melhores condições. E a maioria dos comandantes fazia escolhas erradas porque não entendia os princípios da estratégia, sintetizados muito sumariamente como a colocação de força superior para acossar num ponto onde o inimigo é tanto mais fraco como suscetível a um dano que o incapacite.

A História seria, então, tanto a fonte onde se colhia estes princípios como a confirmação e elucidação deles no mundo real da ação militar.

Em suas análises, o conceito estratégico de linhas de operações “interiores” recebeu maior cuidado. Está ligado à simples ideia de que se um dos contendores ocupa posição entre - “no interior” de - forças inimigas separadas, seria possível atacar, primeiro, parte da força inimiga, e depois, a outra, derrotando cada uma delas a seu turno, mesmo se o exército inimigo for superior. Esta foi a forma mais específica e prática que Jomini deu ao seu princípio geral da força emassada contra alguma parte vulnerável do inimigo, despertando interesse entre militares que buscavam ideias estratégicas úteis, apesar de depender de cálculos exatos de tempo e espaço e da reação do inimigo.

Estas deficiências seriam compensadas pela grande capacidade dos comandantes, induzindo o inimigo, pelo que concebeu que a ciência da guerra seria sempre uma arte. A grande exceção ao princípio fundamental da massa e ação ofensiva sobre um único ponto seriam as guerras civis, religiosas ou nacionais, ou seja, as guerras de opinião, onde não existem exércitos regulares em ambos os lados, mas sim guerras nas quais povos inteiros estivessem ativos. Não faria sentido emassar forças, pois não havia ponto decisivo para atacar; o inimigo estaria em todos os locais, atrás de uma cobertura de hostilidade popular que embaçava a visão do invasor. Estas seriam guerras “perigosas e deploráveis”, e disse pouco sobre as estratégias corretas para estas guerras, deixando a impressão que o melhor que se poderia fazer era evitar o envolvimento em guerras civis ou nacionais.

Outro aspecto criticado em Jomini é o dogmatismo de que novas armas não alterariam os princípios da estratégia.

No final de sua vida, pareceu se ocupar mais com os aspectos políticos e psicológicos da guerra, possivelmente pela leitura de Clausewitz. Mesmo assim, dentro das polêmicas repetitivas elencadas em seus livros, estão observações valiosas, ideias estimulantes e um argumento de estratégia que, dentro dos limites de suas aplicabilidade, é seguramente correto.

A influência de Jomini durante e depois do século XIX são marcantes, tendo suas obras sido publicadas em inglês, alemão e russo. Traduções de suas obras foram usadas nas Academias Militares do Reino Unido e de West Point. Mesmo na Prússia pós-publicação de Clausewitz, Jomini era leitura entre os militares prussianos.

Jomini possuía grande lista de admiradores, e mesmo os seus críticos aceitavam sua abordagem da guerra, mas a partir de 1890 a sua influência deu um salto com o trabalho de Alfred Thayer Mahan. Como Jomini havia dado, ao contrário de Clausewitz, alguma importância à dimensão marítima da guerra, Mahan decidiu fazer para o “Poder Naval” o que

Jomini fizera para a guerra terrestre, aplicando princípios similares que o levaram a ser considerado o correspondente marítimo de Jomini.

O prolongado interesse por Jomini, mesmo o posterior a 1914, tem por trás, sinteticamente, algumas percepções. Os efeitos causados pelas guerras napoleônicas no pensamento ocidental sob conflitos armados, sua natureza, potencial e método, posicionaram Jomini como intérprete autorizado da guerra napoleônica. Napoleão, disse Jomini, conseguiu vitórias rápidas e decisivas pela aplicação feroz de força militar concentrada contra pontos fracos e sensíveis.

O poder destrutivo da I GM alcançou também a teoria militar, abalando a crença em uma “ciência militar” devido aos fiascos da guerra de trincheiras, a partir de quando a reputação de Jomini começou a declinar. Ainda assim, o pós-guerra trouxe aspectos que vieram valorizar Jomini. As ideias de Liddel Hart, condenando a procura da Grande Batalha como responsável pela carnificina da I GM, apontaram-se criticamente para Clausewitz, e não para Jomini. Sua abordagem de manobra, abordagem indireta e ênfase na estratégia como conjunto de técnicas reviveram a abordagem didática, prescritiva e reducente de Jomini, que acabou refletindo no posterior desenvolvimento da *blitzkrieg*.

Outro conceito emergente e com claro vínculo com as concepções jominianas porém mais duradouro a longo prazo foi o de bombardeio estratégico. Na década de 1920, pioneiros teóricos do “poder aéreo” levaram para as aeronaves o que Mahan trouxe para os vasos de guerra. Coligiu desta forma a ideia de que as aeronaves assim como as belonaves deveriam atuar emassadas contra o ponto decisivo.

Após 1945, fica mais difícil relacionar a influência direta de Jomini, porém os Princípios da Guerra continuam fazendo parte de documentos oficiais de todas as Forças Armadas, acendendo a questão de como e por que um modo de pensar sobre a guerra surgido do relato de Jomini sobre Napoleão não definiu com a tecnologia e métodos da era industrial. Ele não desapareceu porque continuou respondendo a uma necessidade premente e inevitável.



A ideia de que debaixo da aparente desordem da existência estão leis que regulam o universo, princípios passíveis de serem descobertos e entendidos, foi a característica marcante do Iluminismo do século XVIII, e a guerra foi a última atividade humana alcançada por esta visão. A ideia de que a violência da guerra, seria antiética a princípio dentro da concepção de um mundo racional, foi varrida do mundo com as campanhas de Frederico II e no avanço francês sobre a Europa.

As questões particulares de Jomini, suas peculiaridades e detalhes podem ter ficado restritos ao meio acadêmico, mas suas ideias básicas, mesmo quando não reconhecidas, sobreviveram.

Em 1854, Jomini (ao lado) foi conselheiro do czar Nicolau em aplicação de estratégias e táticas das operações militares durante a Guerra da Crimeia e em 1859 foi conselheiro de Napoleão III na expedição em território italiano.

